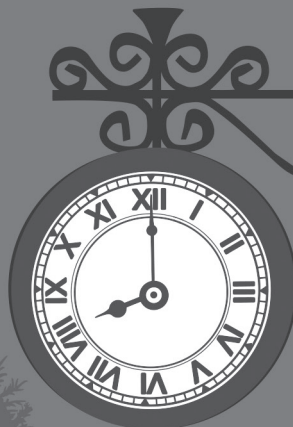


ARGÈNE  
LUPIN



MAURICE LEBLANC



# ARSENÈNE LUPIN

E AS OITO  
BADALADAS  
DO RELÓGIO



Tradução  
Cecília Padovani

  
Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural  
© 2021 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Título original <i>Le huit coups de l'horloge</i>	Produção editorial Ciranda Cultural
Traduzido do inglês <i>The eight strokes of the clock</i> , título produzido por Eric Eldred e William Ellis	Diagramação Linea Editora
Texto Maurice Leblanc	Design de capa Ciranda Cultural
Tradução Cecilia Padovani	Imagens alex74/shutterstock.com; YurkaImmortal/shutterstock.com; Lisa Kolbasa/shutterstock.com;
Preparação Jéthero Cardoso	ducu59us/shutterstock.com; Valsheb/shutterstock.com; alaver/shutterstock.com;
Revisão Fernanda R. Braga Simon	Potapov Alexander/shutterstock.com

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

L445a	Leblanc, Maurice
	Arsène Lupin e as oito badaladas do relógio / Maurice Leblanc ; traduzido por Cecília Padovani. – Jandira, SP : Principis, 2021. 224 p. ; 15,5cm x 22,6cm. - (Arsène Lupin)
	Tradução de: The eight strokes of the clock ISBN: 978-65-5552-506-9
	1. Literatura francesa. 2. Ficção. I. Padovani, Cecília. II. Título. III. Série.
2021-1760	CDD 843 CDU 821.133.1-3

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

#### Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura francesa : Ficção 843
2. Literatura francesa : Ficção 821.133.1-3

1ª edição em 2021

[www.cirandacultural.com.br](http://www.cirandacultural.com.br)

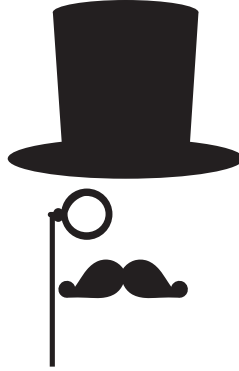
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

# SUMÁRIO

Nota do autor .....	7
No topo da torre .....	9
A garrafa de água.....	37
O caso de Jean Louis .....	65
O filme de contos de fada.....	90
Thérèse e Germaine .....	116
A senhora com a machadinha .....	142
Pegadas na neve .....	167
O sinal de Mercúrio .....	197





## NOTA DO AUTOR

Essas aventuras me foram contadas há muito tempo por Arsène Lupin<sup>1</sup>, como se tivessem acontecido com um amigo seu chamado príncipe Rénine. Quanto a mim, considerando a forma como as ações foram conduzidas, o comportamento e o próprio caráter do herói, tenho muita dificuldade em não identificar os dois amigos como a mesma pessoa. Arsène Lupin é dotado de uma imaginação poderosa e é extremamente capaz de atribuir a si aventuras que não são de todo suas e de renegar aquelas que realmente o são. O leitor julgará por si mesmo.

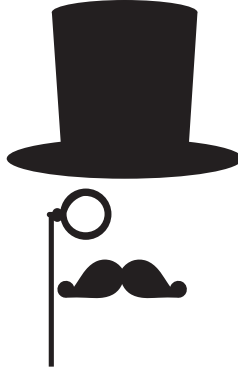
MAURICE LEBLANC

---

<sup>1</sup> Arsène Lupin é um personagem de ficção francesa criado por Maurice Leblanc. Este ladrão cavaleiro é conhecido particularmente por seu talento em usar disfarces e mudar de identidade para cometer seus delitos. (N.T.)







## NO TOPO DA TORRE

Hortense Daniel abriu a janela e sussurrou:

– Você está aí, Rossigny?

– Estou aqui – respondeu uma voz vinda dos arbustos do jardim da casa.

Ela se inclinou e avistou um homem bem gordo olhando em sua direção com sua cara vermelha grosseira, bochechas e queixo enfiados em bigodes desagradavelmente justos.

– E então? – ele perguntou.

– Bem, tive uma grande discussão com meu tio e minha tia na noite passada. Eles se recusam de toda maneira a assinar o documento enviado em rascunho por meu advogado, para restaurar o dote desperdiçado pelo meu marido.

– Mas seu tio é responsável pelos termos do acordo de casamento.

– Não importa. Ele se recusa.

– E o que pensa em fazer?

– Ainda está determinado a fugir comigo? – ela perguntou, rindo.

– Mais do que nunca.

– Suas intenções são estritamente honrosas, lembre-se!  
– Como quiser. Você sabe que eu estou loucamente apaixonado por você.

– Infelizmente “eu” não estou perdidamente apaixonada por você!  
– Então por que me escolheu?  
– Oportunidade. Sinto-me entediada. Estava ficando extremamente cansada da minha existência. Então estou pronta para correr riscos... Aqui está minha bagagem: pegue!

Ela jogou pela janela duas grandes sacolas de couro. Rossigny as amparou nos braços.

– O dado está lançado – ela sussurrou. – Vá e espere por mim com seu carro na estrada. Irei a cavalo.

– Espere! Eu não posso fugir com seu cavalo!

– Ele voltará para casa sozinho.

– Excelente!... Oh, a propósito...

– O que é?

– Quem é príncipe Rénine, que está por aqui há três dias e que ninguém parece conhecer?

– Não sei muito sobre ele. Meu tio o conheceu na sessão fotográfica de um amigo e lhe pediu que ficasse aqui.

– Você parece tê-lo impressionado. Saiu para uma longa caminhada com ele ontem. É um homem de quem não gosto.

– Em duas horas deixarei a casa em sua companhia. O escândalo vai arrefecê-lo... Bem, já conversamos demais. Não temos tempo a perder.

Por alguns minutos ela ficou assistindo à cena do homem gordo se curvando sob o peso de suas malas enquanto se afastava para o abrigo de uma avenida vazia. Então fechou a janela.

Do lado de fora, no parque, os chifres dos caçadores faziam soar os acordes, chamados de *reveilles*. Os cães de caça rebentavam em latidos frenéticos. Era o dia de abertura da caçada naquela manhã no Castelo

de la Marèze, onde todos os anos, na primeira semana de setembro, o conde d'Aigleroché, um poderoso caçador diante do Senhor, e sua condessa estavam acostumados a receber alguns poucos amigos e os proprietários de terras vizinhas.

Hortense acabou de se vestir lentamente, colocando roupas para cavalgada que revelavam suas formas bem torneadas. Um chapéu de feltro de abas largas envolvia seu lindo rosto e os cabelos castanhos. Sentou-se à escrivaninha para escrever ao tio, o senhor d'Aigleroché, uma carta de despedida a ser entregue naquela noite. Era uma carta difícil de se escrever e, depois de começá-la várias vezes, terminou desistindo da ideia.

– Escreverei para ele mais tarde – disse a si mesma. – Quando a raiva passar.

E então desceu as escadas para a sala de jantar.

Enormes troncos ardiam em chamas no coração do salão nobre. As paredes eram ornadas com troféus feitos de rifles e espingardas de caça. Os convidados se aglomeravam por todos os lados, apertando as mãos do conde d'Aigleroché, um daqueles típicos escudeiros do campo, de constituição pesada e poderosa, que vive apenas para caçar e atirar. Ele estava em pé diante do fogo, com um grande copo de *old brandy*<sup>2</sup> na mão, bebendo à saúde de cada recém-chegado.

Hortense beijou-o distraidamente.

– Tio! Normalmente está tão sóbrio!

– Ora! – ele respondeu. – Um homem pode se entregar um pouco uma vez por ano, certamente...

– A tia lhe dará uma repreensão...

– Sua tia está com uma de suas dores de cabeça crônicas e não descerá. Além disso – acrescentou com aspereza –, não é da conta dela... e muito menos da sua, minha querida criança.

---

<sup>2</sup> *Old brandy* é uma espécie de aguardente envelhecida. (N.T.)

O príncipe Rénine aproximou-se de Hortense. Era um homem jovem, muito bem vestido, com um rosto estreito e um tanto pálido, cujos olhos oscilavam entre a gentileza e a determinação, com a mais amigável e irônica expressão. Inclinou-se em sua direção, beijou-lhe a mão e disse:

– Posso lembrá-la de sua gentil promessa, querida senhora?

– Minha promessa?

– Sim, concordamos que deveríamos repetir nossa deliciosa excursão de ontem e tentar visitar aquele antigo local embarcado, cujo aspecto nos deixou tão curiosos. Parece ser conhecido como Domaine de Halingre.

Ela respondeu um tanto de supetão:

– Sinto imensamente, senhor, mas seria um pouco longe, e estou me sentindo um tanto cansada... Farei um galope no parque e voltarei para dentro de casa.

Houve uma pausa. Então Serge Rénine disse, sorrindo, os olhos fixos nos dela em um tom de voz que somente Hortense podia ouvir:

– Tenho certeza de que manterá sua promessa e que me deixará acompanhá-la. Será melhor.

– Para quem? Para o senhor, é o que quis dizer?

– Para você também. Posso lhe garantir.

Ela enrubesceu levemente, mas não respondeu. Cumprimentou algumas pessoas a seu redor e deixou a sala.

Um criado estava segurando o cavalo ao pé das escadas. Ela montou e partiu em direção ao bosque além do parque.

Era uma manhã fria e tranquila. O céu mostrava um azul cristalino, visível através das folhas que mal estremeciam. Hortense cavalgou em trote pelas avenidas sinuosas que em meia hora a levaram a um lado do campo de ravinas e ribanceiras entrecortadas pela estrada. Estacou. Não havia som algum. Rossigny devia ter desligado o motor e ocultado o carro na mata perto da encruzilhada.

Ela estava a quinhentos metros, no máximo, daquele espaço circular. Depois de hesitar por alguns segundos, apeou, amarrou o cavalo

descuidadamente, para que o animal pudesse se soltar ao menor esforço e retornar a casa, envolveu o rosto no longo véu marrom que pairava sobre seus ombros e pôs-se a caminhar.

Como esperava, Hortense avistou Rossigny assim que chegou à primeira curva da estrada. Ele correu para encontrá-la e a levou para o bosque.

– Rápido, rápido! Oh, estava com tanto receio de que você se atrasasse... ou mudasse de ideia! Mas aqui está você! Parece bom demais para ser verdade!

Ela sorriu:

– Você parece muito feliz em fazer uma coisa tão idiota!

– Devo pensar que *sou* feliz! Assim como você, eu lhe prometo. Sua vida será um conto de fadas. Você terá luxo e todo o dinheiro que puder desejar.

– Não quero nem dinheiro nem luxo.

– Então o que você deseja?

– Felicidade.

– Você pode me confiar sua felicidade com toda segurança.

Ela respondeu, brincando:

– Tenho certas dúvidas quanto à qualidade de felicidade que você me dará.

– Aguarde! Você verá! Você verá!

Chegaram ao carro. Rossigny, ainda gaguejando expressões de deleite, ligou o motor. Hortense entrou e ajeitou o amplo xale sobre os ombros. O automóvel seguiu o caminho estreito e gramado que levava de volta ao cruzamento, e Rossigny estava aumentando a velocidade quando, de repente, foi forçado a frear. Um tiro tinha saído do bosque vizinho, à direita. O carro estava balançando de um lado para o outro.

– Um pneu dianteiro estourou – Rossigny gritou, pulando para o chão assim que pararam.

– Claro que não! – Hortense falou. – Foi um tiro.

– Impossível, minha querida. Não fale bobagens.

Naquele momento, mais dois estouros foram ouvidos, um após o outro, vindos da mata, e eles sentiram duas estremecidas.

Rossigny exclamou, enfurecido:

– Os pneus traseiros também estouraram... ambos... Mas quem, diabos, pode ser o maldito? Deixe-me pegá-lo, só isso!

Ele subiu a ladeira do lado da estrada. Não havia ninguém por lá. Além disso, a vegetação bloqueava a vista.

– Maldição! Maldição! – praguejou. – Você estava certa: alguém atirou no carro! Oh, isto é uma grosseria! Ficaremos retidos por horas! Três pneus para consertar! Mas o que você está fazendo, querida menina?

Hortense saíra do carro e corria em sua direção, muito entusiasmada:

– Estou indo.

– Mas por quê?

– Quero saber. Alguém atirou. Preciso saber quem foi.

– Não deixe que nos separem, por favor!

– Você acha que ficarei aqui esperando por você durante horas?

– Mas e a sua fuga? Todos os nossos planos?

– Discutiremos tudo isso amanhã. Volte para casa. Leve minhas coisas com você... E adeus por enquanto.

Apressou-se em deixá-lo e teve a boa sorte de encontrar seu cavalo. Pôs-se a galope em uma direção que a levaria para longe de La Marèze.

Em sua mente não havia a mínima dúvida de que aqueles três tiros eram de autoria do príncipe Rénine.

– Foi ele – murmurou furiosamente –, foi ele. Ninguém mais teria sido capaz de um comportamento desses.

Além do mais, ele a havia avisado, à sua maneira sorridente e magistral, que a esperaria.

Chorava de raiva e humilhação. Naquele momento, se o encontrasse face a face, poderia golpeá-lo com seu chicote.

Diante dela descortinava-se um pitoresco e robusto trecho do país, situado entre o Orne e o Sarthe, acima de Alençon, e que é conhecido como a Pequena Suíça. Colinas íngremes a obrigavam frequentemente a moderar o ritmo, tanto mais quando ainda precisava percorrer quase dez quilômetros antes de chegar a seu destino.

Mas, embora a velocidade com que ela cavalgava tenha se tornado menor e seu esforço físico diminuído gradualmente, persistia seu sentimento de indignação contra o príncipe Rénine. Ressentia-se não só pela ação intolerável da qual ele devia ser o culpado, mas também por seu comportamento para com ela nos últimos três dias, suas persistentes atenções, sua segurança, seu ar de cortesia excessiva.

Estava quase chegando. No fundo de um vale, uma velha parede de parque cheia de rachaduras e coberta por musgo e ervas daninhas revelava a torre de esferas de um castelo e algumas janelas com persianas fechadas. Aquele era o Domaine de Halingre. Ela contornou o muro e virou em uma esquina. No meio do espaço em forma de meia-lua diante do qual estavam as portas de entrada, Serge Rénine esperava ao lado de seu cavalo.

Hortense saltou. Ao mesmo tempo que ele se adiantava para saudá-la, com o chapéu na mão, ouviu-a dizer:

– Uma palavra, senhor, para começar. Algo quase inexplicável acabou de acontecer. Três tiros atingiram um carro no qual eu estava sentada. O senhor disparou aqueles tiros?

– Sim.

Ela mostrou perplexidade:

– Então você confessa?

– Senhora, você me fez uma pergunta e eu respondi a ela.

– Mas como ousou? O que lhe deu o direito?

– Eu não estava exercendo um direito, senhora; eu estava desempenhando um dever.